Notas sobre o Simbolismo Sagrado

Texto sujeito à revisão, **trecho de Ansiedade à Luz do Sermão do Monte**, Leandro Santtos

Por que falar de simbolismo sagrado a essa altura? Este capítulo não altera nada do sentido deste livro, pode ser facilmente ignorado e o conteúdo permanecerá intacto; seu objetivo, contudo, é propedêutico. Tanto mais compreende-se a importante noção do simbolismo, perdida em nossa era, mais rico estará o olhar que pretende entender algo da sabedoria antiga com Jesus. O atual capítulo é um complemento àquele que leu a mentalidade dos antigos, naquele lemos sua realidade com nossas notas, neste aprenderemos a ler nossa realidade com algo das notas deles[1].

Há vários aspectos que convergem no fato da realidade ser intrinsecamente simbólica. Mas, a coisa é tão sutil que recortá-la com linguagem é quase impossível, diria que é escorregadia a ponto de mesmo a melhor e mais sábia intenção somente conseguir descrever certo aspecto do fato por vez, e que, se por causa do sucesso da primeira explicação, quiser ampliar-se para versar os outros aspectos, aí, então, acabará se perdendo. Percebam que somente em dizer que a "a realidade é intrinsecamente simbólica" já estamos diante de um problema: Intrinsecamente simbólica em si ou intrinsecamente simbólica para nós? Mas, se é intrinsecamente simbólica como poderia ser para nós? Pode, e o é, porque não estamos fora da realidade, somos apenas a "parte" autoconsciente dela. Mas, é exatamente neste sentido que a realidade é simbólica, porque é apenas para nós. A coisa parece confusa e, de certo modo, anti-intuitiva, mas quando passarmos a vislumbrar os extremos de interpretação, a captaremos nua e crua bem no meio. Como já apresentei, vou aqui apelar para um aspecto apenas para que eu mesmo não me perca no que estou dizendo.

No futuro dos estudos é possível perceber como símbolo e alegoria, conforme entendidos aqui, não são tão distintos, mas funcionam, de certo modo, como uma unidade de tensão. Como não estamos no futuro, por ora vamos entendê-los em separado, pois é isso que faz a abstração: separa coisas na mente, para facilitar a compreensão, mesmo que na realidade a coisa não se dê separada.

Há duas notas de distinção que fazem qualquer um entender *símbolo e alegoria.* Estas notas estão presentes nos gregos antigos e sobem por toda Idade Média, se perdem ou se degeneram na modernidade, mas ainda permanecem presentes: Alegoria é quando nós *projetamos* numa coisa o sentido de outra coisa, através de alguma semelhança ou contraste entre elas. Uma metáfora é uma alegoria. Eu digo para alguém: *Você é uma flor,* e todos presentes entendem que eu projetei um significado na pessoa-alvo do meu elogio, este significado veio da delicadeza, do cheiro, da maciez que tem as flores. A interpretação de todos presentes, incluindo meu alvo do elogio, também é feita por via de projeção. Todos lembram como é a flor, captam pelo uso corrente da metáfora qual é a característica que está sendo enfatizada, e somam o que sabem à intenção implícita da metáfora, assim, destilam seu significado.

[1] Esta distinção não é outra senão didática, a coisa toda é patrimônio sapiencial da humanidade, seja antiga, seja moderna

O símbolo é o caminho inverso, e ele pode ter ou não o mediador humano na comunicação. Alegoria *sempre* é um homem que faz para outro homem, ou, no mínimo, é do homem para o próprio homem se ele fala consigo mesmo. O símbolo pode ser dado sem este caminho de emissário e emissor, pois, pode ele ser algo da própria realidade. Prestem atenção: Se na alegoria nós *projetamos,* no símbolo nós *introjetamos*. Por exemplo, a história de Heráclito:

O filósofo, segundo contam alguns historiadores, como Diógenes Laércio, teria nos deixado o mote "tudo flui como o rio", todos interpretaram que seu *insight* lhe ocorreu durante um banho ou enquanto contemplava o rio. Há muita discussão em torno do fato, fragmentos de sua obra sugerem que o filósofo efésio defendia um fundo perene para a realidade que não poderia esvanecer apesar da fluidez da realidade, é por isso que, teorizam alguns, provavelmente o autor real do mote tenha sido Crátilo, um dos seus discípulos. Como é comum em qualquer ensino, os discípulos podem contrair ou ampliar as obras de seus mestres, às vezes, na ampliação, acabam radicalizando algum ponto e neste caso a total fluidez do Universo poderia ser uma interpretação para além do que o próprio Heráclito propôs.

Seja como for, seja Crátilo, seja Heráclito, alguém estava diante de um rio e percebeu que há uma fluidez universal, algo que realmente está em constante mudança, em *devir*. Se tudo ou muita coisa, agora não importa. O que importa é: Como eles perceberam isso? Como a presença de um simples rio, de repente, se tornou a certeza de um aspecto que compõe tudo da realidade? Isto é simbolismo. É uma informação que veio através de um símbolo, de um termo médio, que nós só podemos introjetar.

Quando um sábio entende algo e, então, cria um símbolo pictórico a coisa se dá igual, este símbolo é a sua tentativa de reduzir uma informação a um ente mais pedagógico, mais sugestivo, que servirá para que outros, mais facilmente, captem a mesma nota do real — não há espaço, nesse sentido, para projeção. Quando as pessoas abusam do símbolo, porque de certa forma, ele tem potencial infinito de notas a serem compreendidas, e fazem dele um objeto para significar qualquer coisa, qualquer coisa que "você sente", aí o símbolo recai e torna-se objeto alegórico. Percebam que o simbolismo não diz respeito somente a figuras como a deste último exemplo, mas às coisas mesmas, como o rio, este simbolismo voltado à natureza é chamado de *simbolismo natural.*

Outro exemplo para que se fique claro: A Lua. Você vive há 2000 anos atrás, ninguém inventou a luz elétrica ainda, sem postes as noites são densas e profundas de tanta escuridão. Os bichos parecem maiores, as coisas parecem mais assustadoras, mas, supomos, que você precisa entrar numa mata fechada para fazer algo com muita urgência. Lá, então, vai você em direção à penumbra, se der sorte a Lua neste dia estará cheia, do contrário, é bom saber manipular o fogo. Se for noite de Lua cheia, tudo estará iluminado e não será preciso usar fogo. A Lua, você sabe, nem sempre é assim, ela tem *fase,* não é como se todo dia ela "quisesse" te iluminar. Pronto, eis mais um simbolismo natural: Você percebe que há uma certa inconstância que te "guia" às vezes. Essa nota é universal, não é subjetiva. Alguém pode captar mais, outra pessoa pode captar menos, porém, a analogia está dada e pode ser vista em outros aspectos, — como a fluidez do rio — nas várias coisas (MARSILI, 2020).

Você pode tentar problematizar a coisa dizendo que os antigos já sabiam que coisas da vida possuem ciclos e mudam, você pode dizer que algumas coisas só parecem se mostrar mais esclarecedoras, convenientemente quando isso ocorre temos mais facilidade para

resolver algum dilema, mas tal percepção é somente interna, no máximo, é *projetada* nas casas. Este raciocínio está errado. Como eles saberiam dos fatos antes se suas primeiras expressões acerca dele sequer estavam completas? Eles já sabiam e expressaram de maneira incompleta? Tentar fazer este tipo inquirição é supor que alguém sabe de algo antes de saber da coisa — *"Ah, mas eles sabiam de outro modo",* tanto faz, seja como for, que se reduza à mínima nota possível, a mais sutil, de saber alguma coisa, algo primeiro veio da realidade, e ninguém pode dizer que as primeiras notas só ocorrem pela via sensível, porque todos experimentam o mundo de igual modo pela via sensível, mas só alguns poucos alcançam o nível de sutileza para captar as presenças por detrás dela.

Outra coisa, percebam que na minha explicação eu falei de símbolo e alegoria enquanto os processos de *projeção* e *introjeção.* Metonimicamente costumamos chamar só o resultado, o objeto final, como "símbolo" e/ou "alegoria". De maneira lata, símbolo é tanto o processo quanto o objeto, porém, de maneira específica é somente o processo. Penso, contudo, que é mais fácil preferir os verbos — simbolizar e alegorizar — para nomear os processos, ao invés dos objetos. Não importa muito como vamos chamar, desde que não confundamos os movimentos com os objetos terminativos.

É comum também distinguir alegoria e símbolo a partir do contexto, sim, é possível. No exemplo da flor, que é uma metáfora, um tipo de alegoria, só é possível interpretar que alguém é delicado como uma flor graças a um contexto anterior de significações. É por isso que quase toda expressão artística, se diz, é alegórica. Quando já sabemos algo, mas ainda não sabemos tão bem, podemos pela obra artística contemplar aquilo e compreendê-lo melhor. Um adulto sabe o que é traição, daí ele passa a ler as obras do Shakespeare, e com seus próprios contextos, compreende *melhor* o que ela é, isto se dá pela via do exemplo artístico, que é dado alegoricamente. Alegoria não precisa ser uma coisa substituindo outra coisa, pode ser a própria coisa a ser compreendida, sendo apresentada de um modo que enfatize algum dos seus aspectos não tão óbvios.

O símbolo, por sua vez, em estado puro, não precisa deste contexto. Não é preciso de nota anterior para *intuir* certas verdades simbólicas, como o "eureca" do Arquimedes ou a própria percepção da mutabilidade das coisas que viu Crátilo. A coisa não vem pronta somente porque é convertida pelos nossos filtros, daí sempre diante do símbolo, de certa maneira, a coisa nunca parar de te "ensinar" sobre ela. Isto do nosso ponto de vista, do ponto de vista da coisa — que podemos imaginar — é evidente que a coisa vem pronta, o que ela não vem é completa. É difícil, de início, principalmente na nossa época, separar bem o que da realidade nos ocorre pela via simbólica daquilo que nos permite criar alegorias que nos ajudem a compreender outras coisas. O segredo está em compreender bem aquilo que Santo Tomás chamou de *princípio de analogia,* algo que comporta toda realidade.

No futuro dos estudos também será possível para você entender as diferenças entre analogia própria ou imprópria, necessária ou contingente, de proporção ou de atribuição, há também as mistas em todas estas categorias, mas mistas porque compreendem mais de um aspecto possível de observação, o que jamais significa *relativismo.* Certo?

Basta por momento entender o seguinte deste princípio: Há coisas que são aparentemente diferentes em tudo, outras que são idênticas. Aquilo que é analógico com outra coisa possui ao mesmo tempo certas similitudes e certas diferenças. A maneira com a qual essas semelhanças e diferenças se organizam listam as possibilidades de analogia. Como isto enriquece nossa percepção? Simplesmente quando nos dá o músculo mental de

profundidade em relação às coisas. Você pode entender isso intuitivamente quando conversa com uma criança e tenta explicá-la coisas novas. Você verá como a todo momento ela irá perguntar "*ah, tio, isso é como aquela coisa (algum exemplo), né?*", se a *analogia* que ela está fazendo é boa nós assentimos, se for inadequada nós a melhoramos. Nós somos assim, analogizamos coisas com coisas para melhor compreendê-las, contudo, algo não bateria nessa conta se não notássemos que nosso conhecimento *aumenta* significativamente com o tempo — é para isso que você estuda, não? Podemos entender coisas a partir de coisas, porém, de onde vieram as primeiras? E quando a *qualidade* da coisa que percebemos é distintíssima de qualquer conhecimento anterior, ainda assim conseguimos compreendê-la própria ou impropriamente? Sim, mas, como este processo se dá? Pela *via simbólica.*

A via simbólica nos mostra como tudo parece significar algo, como tudo poderia significar algo, quase como se tudo estivesse conversando conosco. Esta é uma redução poética, que, apesar de muito boa, precisa, em algum momento, ser superada. A Lua é a pobre Lua, assim como o Rio é somente o Rio, ambos só estão numa teia maior da Realidade que imprime mais e mais significados ATRAVÉS deles. Daí o mote de Santo Tomás: "Deus fala com palavras, pessoas e *coisas*".

É difícil dizer que há atividade no símbolo, este aspecto é mais um daqueles em que nos perdemos se tentamos ver de frente. Faz sentido dizer que somos nós que o colocamos de maneira passiva porque o ato de compreender é nosso, contudo, ao mesmo tempo, o símbolo está sendo causa imprópria, ou meio, de uma intervenção em nossa compreensão que vem direto de algo maior que nós, então, de fato, parece mais que é esta coisa que está agindo. Espero que você, neste momento, se segure, porque vamos aumentar um pouquinho o alcance de profundidade do que estamos apresentando.

Essa questão não é mera questão de filosofia escolar, não é coisa que gente desocupada pensa, é uma questão seríssima da qual muitos dos nossos sofrimentos estão, em certa medida, ligados. Também é a questão que educa nossa maneira de aprender. Agora estamos diante do simbolismo para chegar ao simbolismo sagrado e rechear nosso olhar antes de analisar palavras do Cristo, você acha que este caminho é à toa? É um mero ensino? Nada é mero, nenhum ensino é mero. Perguntar-se sobre como, de fato, são as coisas está na raiz própria do conhecer. Os Escolásticos, apesar das várias ramificações e das intricadas brigas internas, nunca colocaram em xeque certo fato propedêutico: o ponto de partida para qualquer conhecimento — *Quid est*. A pergunta não é original deles, remonta a própria época do filósofo já citado aqui que percebeu a fluidez universal. A pergunta é de Parmênides.

Olhem a dificuldade desta pergunta: O que é isso? O que é isso que está na minha frente? O que é isso que existe aqui e agora? Percebam a dificuldade desta pergunta que interroga o *ser das coisas,* porque a toda hora estamos lidando com muitas coisas, estamos provando-as, cheirando-as, manipulando-as, e, contudo, frequentemente não sabemos direito o que elas são. Lidamos com muitas coisas, algumas que estão até dentro de nós, não podemos mordê-las, nem cheirá-las, nem prová-las, mas não duvidamos que elas existem, as percebemos de algum modo. Percebemos, inclusive, que elas existem dentro de outras pessoas, nem sempre é fácil, na maioria das vezes só nos é possível acreditar, mas, no fundo, ninguém duvida de sua existência nos outros também.

Quando estamos diante de algo sabemos que é alguma coisa, mas não sabemos o isto que esta alguma coisa é. Mas, a coisa existe, sabemos na mesma hora que ela existe. Então, o

próprio existir também é alguma coisa, mas não sabemos o que é o existir. Somente sabemos que alguma coisa há ali, e que existe.

Sabemos que a maçã existe, podemos pegá-la, prová-la, experenciá-la, mas depois que a comemos sabemos que ela deixa de existir. Como ela poderia existir e deixou de existir? De que plano ela saiu? A madeira que queima, a casca de fruta que se corrói no lixo, vemos as coisas desaparecendo a todo momento a nossa frente e percebemos muito bem que elas possuem um fim. Alguns de nós experenciam algo de ainda mais atonicidade, que é quando deixa de existir alguém. Cresci com minha avó, lembro que seu olhar sempre me transmitiu algo único, algo que só o seu olhar podia transmitir — todo olhar neste sentido é único e vocês sabem disso. De repente (não que, de fato, tenha sido de repente, mas em certo sentido foi) o câncer lhe acometeu. A morte da minha avó foi experenciada por mim num processo, como a queima de uma fogueira, eu pude ver seu olhar sendo sugado aos poucos pela doença que lhe levou deste mundo, não foi como ver alguém que amo ir ao trabalho e não voltar como ocorre com alguns, foi ver a coisa se desenrolando e quase que pedindo para ser vista em detalhes. A tristeza sempre me deixou reflexivo, então, não posso dizer que aquela fase me fez pensar menos, eu assisti tudo, tanto que lembro nitidamente daqueles horríveis dias. De repente — nem sei mais se foi de repente — um dia, no leito do hospital, ela parou de respirar, seu coração parou, ela suspirou, ela morreu e ficou perenemente imóvel.

Nossa família fez o enterro, lembro de encará-la (ou encarar o que sobrou dela) no caixão. De certa forma, não havia nada. Vi como aquele corpo estirado no caixão não possuía senão diferença de grau às memórias que fiquei de seu processo de definhamento, em qualidade eram a mesma coisa. Sua vida, sim, foi uma outra coisa. Não acho que é à toa que o olhar humano sempre tenha sido um dos símbolos antropológicos mais densos. Então, que experiência é esta de saber que as coisas são algo, que podem deixar de sê-lo, que estão aqui e que possuem maior ou menor nível de significado?

A sensação que fica é que o "como" da realidade nós, mais ou menos, sabemos, afinal, quando nascemos fomos enxertados nessa "máquina" que já estava funcionando muito bem em nossa ausência, criando regras, receitas, cultura, etc. Aprendemos logo de início a como manipular algumas delas, então, o "como" nós até que conhecemos, porém, não dá para dizer a mesma coisa com o "quê", o *quid,* dessa mesma realidade. Este "como" é mais óbvio por causa da vivência, apesar de ser mais sutil, porque é inevitável que ao falar dele, do "como", não acabemos, nós, falando dele enquanto "quê". Mas, não são a mesma coisa, e sabemos que não são. E também mais sutil que as coisas que existem e que são na nossa frente é o fato de todas as coisas existirem ao mesmo tempo, por certo aspecto é como se a toda hora tivesse entrada e saída de entes no meio delas, mas, por outro aspecto, está tudo dado imponentemente. E ainda mais sutil que o fato de todas as coisas existirem ao mesmo tempo é fato de o próprio existir. Perceber-se ser levado ao todo por causa de algo, e depois ser levado do todo para o fundamento de tudo é a base do simbolismo. A viagem nos dá vertigem, sabemos que muitos dos nossos esquemas são problemáticos, só de explicar a coisa do jeito que estou explicando já me causa certo incômodo em alguns trechos, por exemplo, contudo, não por isso é menos verdadeiro. Desse ponto de vista, mesmo a filosofia mais técnica e exata soa como poesia porque ela não está, nunca estará, de fato *mesmo*, ao objeto de que fala, enquanto, por outro aspecto, está e nos leva junto. Não é um paradoxo, dizer isto é a mínima possibilidade que nos serve a linguagem para significar a realidade.

Eu realmente não dou a mínima se a *Simbólica* é um capítulo a mais da *Ontologia* ou se é uma disciplina à parte, essa briga pela ordem das disciplinas não é minha praia, o que me preocupa é a narrativa desta experiência em si mesma e só verso com a superfície das discussões acaloradas das escolas porque são nelas que, de algum modo, consigo colecionar notas que me preenchem de capacidade para continuar esta viagem rumo às coisas mesmas. Se preocupar demais com essas questões, penso, é como tirar o celular do bolso diante do casamento de sua filha e filmá-la ao invés de ver diretamente sua realização.

É fato que facilmente confundimos como as coisas são por não querer observá-las direito. E confundimos frequentemente o que elas são com o nome que as damos. Chamar o cão de cão é útil, muito útil por sinal, não haveria uma disciplina da medicina veterinária sem esta etiqueta. Mas, esta palavra, o que pode em si mesma? Esta é a querela das definições. Os primeiros escolásticos disseram que o *Quid est* é respondido pela *essência,* e disseram que esta *essência* é dada pela *definição* quando pelo gênero e pela espécie da coisa a identificamos. Todos participam do gênero da substância; dentro dela alguns são vivos, outros não; dentro dos vivos alguns são corpóreos, outros não; dentro dos vivos corpóreos alguns são animais, outros não; dentro dos animais só um é racional: Eis a definição do homem. Mas, há outros jeitos de definir, pela matéria-forma da coisa, pela propriedade, pela nota nominal, seja como for, contudo, no final, o que, de fato, encontramos? Estamos diante de um cão e de um homem, com as palavras e ligando-as a certas características, talvez notas próprias às figuras diante de nós, realmente é fácil não confundir um com o outro, mas neste caso o que temos é, no máximo, uma capacidade de apontar onde a coisa está para nós mesmos. É um "saber-onde-encontrar". Onde está o homem? No grupo dos animais, naquele cantinho que é reservado aos racionais, estes racionais podem fazer isso e aquilo diferente dos outros, fim? Isto não é saber *de fato o que é a coisa.* Ou é? O que é ser esta coisa que está na minha frente? Como é ser um cão? Como é ser uma xícara?

Tentar apontar para o homem é ainda mais difícil, porque não só teremos que nos perguntar o que é ser esta coisa que ele é, não só teremos que perguntar como é ser ele, mas ainda perguntaremos: *Quem é ele?* Quem é essa pessoa? Apontá-la é fácil, mas como é sê-la? De onde nasceu este movimento de ser diferente de mim? Como ele é?

Se forem pedras diferentes, só nos importa saber algumas características entre elas e já saberemos distingui-las, com coisas mais sutis do que pedras, como certos sentimentos, a coisa não é tão simples. Com animais podemos usar o método do gênero e da espécie para achar o "cantinho" do mundo onde eles estão, não necessariamente seu habitat, mas sua etiqueta específica, mas, no final, veremos que uma etiqueta não nos diz quase nada da coisa. É quase como um invólucro, um envelope, a certeza é que a coisa está ali dentro, brincando, se movendo, olhando para nós — como abstrair notas dali de dentro?

Como psicanalista me canso de ouvir vários envelopes nas sessões, as pessoas me dizem que têm isso ou aquilo, tomam os diagnósticos como colocam roupa e se esquecem de tirar. "Eu sou um empata", "Eu não faço nada direito". O quê? Como assim? Você sabe do que você está falando? Provavelmente não sabe, pode ter tomado um diagnóstico de um profissional desavisado de como a vida é, pode ter associado uma experiência que nem existe mais a não ser na sua memória com este envelope. E neste interim é possível perceber como não é nada espontâneo para a maioria das pessoas este esforço de buscar compreender as coisas, seus nomes e seus processos. Basta dar um nome e viver. Numa era como a nossa é

bem possível que as pessoas que naturalmente estranhem como tudo ganha nome tão fácil, e é logo manipulado para fins de querência, sejam empurrados para a estranheza social.

Vamos exercitar: O que é a água? Experimente perguntar isto ao google e caçar os padrões das respostas, acabei de fazer isso. Todos estão dizendo que água é uma substância química composta de dois elementos atômicos: Hidrogênio e Oxigênio. Isto responde o que é a água?! Eu sei que posso fazer muita coisa com elementos químicos — bendita seja a ciência — mas, não sei muitas dessas coisas. Esta definição é, do ponto de vista das quatro causas, apenas uma definição da *causa material* da coisa, e não da coisa em si mesma. Hoje, a ciência moderna praticamente só se preocupa com a causa material e com a *causa eficiente* das coisas, a primeira responde sua matéria, sua estrutura, seus componentes, a segunda explica sua fonte, sua origem, de que ela é efeito, se parte de um processo enquanto sua extensão ou se é sua própria extensão. Porém, com duas causas eu não tenho muitas notas da coisa se eu quero saber o que ela é, posso ter quantitativamente muita informação delas, o que não vai significar muito na apreensão do seu *quid* na minha mente.

A *causa eficiente* permite diversos aspectos, se você pesquisar a origem da água no google você será levado à origem dos elementos químicos do universo. É uma explicação eficiente material, é um aspecto material da causa eficiente. Nossa era não é conhecida por materialista à toa.

Ainda há mais duas causas, segundo os antigos, para as coisas: A *causa formal* e a *causa final.* Observo muitos escolasticistas definindo a *causa formal* como a definição da coisa. NÃO É ISSO. Como seria?! Como a causa formal poderia ser a definição da coisa se já estou inquirindo pelas causas para poder, propriamente, definir a coisa? Se ainda não sei o que ela é, sua causa formal é um mistério. Dicionários farão muito isso: reduzir uma explicação formal a uma explicação material formalizada, isto fará ninguém saber o que é a coisa. Hoje também é fácil para as pessoas confundirem a *finalidade* de um objeto com um mero acidente, algo que não faz parte dele, um simples efeito, algo à parte, uma função, que não interessa à nota básica do ente. Estes erros bobos mostram como vivemos uma crise simbólica sem precedentes para lidar com os entes da realidade.

De maneira simples é ao unir as causas formal e final que temos o *significado* da coisa, o seu *sentido.* Pois, quem a criou imprimiu aí nestas duas causas o porquê e o para quê a criou, tais notas estão embutidas na entidade porque são suas condições mais básicas. E então, perguntar-se sobre as tais notas é perguntar pela *intenção* delas.

Você está convencido que a água se resume a sua composição molecular de dois hidrogênios e um oxigênio? Você a bebe, a vê escorrer no seu corpo, a vê cair do céu. O que ela é? O cientista natural se dará por satisfeito se souber responder do que ela é feita, de onde veio e algo de como ela se comporta, passará a vida toda em busca mais informações nestas direções, mas se contentará em não sair deste campo de respostas. Mas, e você?

Os antigos diziam que tudo o que ocorre sempre ou com muita frequência com um determinado ente é a expressão de sua *intenção natural,* ou seu hábito. É neste pequeno interim que o cientista moderno, às vezes, chega a tocar no simbolismo da coisa. Se cai de volta ao materialismo, contudo, perde a coisa. A intenção de um ente é a "força" que faz o ente tender para aquilo que é seu fim natural. Então, a finalidade das coisas, embora manipulável, não pode, de forma alguma, estar fora, amputada, ser mero efeito *ad extra.* A água tem como intenção natural o fato de procurar sempre o lugar mais baixo. Enquanto gasosa sobe, mas

volta a condensar e desce. Enquanto congelada para, porém, tende a voltar ao estado normal. De um ponto de vista frio todas as condições que permitem ela subir ou descer, condensar ou derreter, são condições contingentes do universo que também permitem explicações materiais.

Para os antigos, não é apenas isto. No fato da água possuir uma intenção natural que a leva para os mais baixos lugares coloca nela o símbolo universal da passividade. O olhar materialista realmente fará a crítica de que isto é contextual, poderá supor a existência de alguma lua de Júpiter ou algum planeta hipotético onde o "clima natural" faz a água permanecer imóvel ou, quem sabe, por ter uma atmosfera densa, permanecer em grandes gotículas flutuantes. Mas, neste momento ele não poderá negar algo: Agora ele sabe o que é passividade e tem a intenção natural da água na terra para simbolizar este fato. O símbolo é para nós. A água é, de fato, somente a água. O que importa, no final, das contas é que ele captou este significado por detrás da água, pois ela realmente tem esta natureza de estar à serviço do ambiente, do contexto e de ser essencial à vida.

Conta-nos Mário Ferreira dos Santos (1959b) que a origem mesma da ideia de símbolo já é simbólica. *Symbolon,* na Grécia Antiga, era um objeto fixo que se usava como sinal de reconhecimento para chegadas de viagem. Através do símbolo eles podiam se reconhecer de longe ou reconhecer uma terceira pessoa que os estivesse esperando. O símbolo, para o filósofo brasileiro, se identifica com o simbolizado, sem nunca esgotar sua existencialidade de simbolizado.

A existencialidade, ou aptidão para existir (que estávamos inquirindo, lembram?) se torna quando em ato uma *existencialização.* Diz-nos Mário Ferreira que "essa existencialização [do ser] é simbólica, portanto, analógica. O **arithmós,** como tal, é uma estrutura aptitudinal do ser que não se distancia dele, nem se entifica subsistentemente. O que se entifica é o ser determinado como arithmós, repetindo-o, copiando-o (mimeses platônica) simbolicamente, aquele que nunca deixa de ser no ser, pois, é da sua eficácia" (SANTOS, 1954a, p. 174).

Logo vê-se que há, de fato, uma complexidade maior no processo inerente da realidade que é simbólico, este processo é aquele que dá cola de significado entre os entes. Da Simbólica do Mário eu tenho apenas uma ressalva a fazer. Diz ele que as características do símbolo são: Polissignificabilidade, polissimboliabilidade, gradatividade, fusionabilidade, singularidade, substituibilidade e universalidade. É preciso ter cuidado, porém, com a compreensão desta primeira característica. Que o simbolizado permite ser simbolizado por mais de um símbolo, que há um tipo de escala de significados que a relação entre símbolo e simbolizado, que há uma certa fusão entre ambos, que cada símbolo toma notas únicas só de existirem, que há a possibilidade de substituição entre símbolos e que os símbolos participam de uma ordem universal, não há o que dizer, Mário, melhor do que ninguém, expressa em linguagem formal exatamente aquilo que provoquei em meus parágrafos anteriores; entretanto não é lógico permitir a sugestão de que os símbolos são relativos, por isto expliquemos melhor o que seria a *polissignificabilidade.*

Um símbolo pode se referir a mais de um simbolizado? Sim. Um símbolo permite interpretação relativa dependendo do observador? Depende.

Cada símbolo possui ordem de significação, seu potencial de interpretação é infinito, mas não é qualquer coisa. É evidente que a experiência está condicionada a esquemática

interna, como diz o autor brasileiro, contudo, nem o filtro, nem o potencial infinito de interpretação tornam a coisa relativa. Há uma maneira sugestiva de explicar isto:

Dentro do campo do simbolizado existe relatividade ou, no mínimo, polissignificabilidade. Fora do campo do simbolizado não há relatividade, nem polissignificabilidade.